

A variação é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se como diversidade dialectal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo então a feição de mudança linguística. Os dois tipos de variação encontram-se profundamente imbricados, sendo as variantes dialectais ora vias de acesso ao passado da língua (oferecidas ao observador contemporâneo) ora manifestação de novas mudanças.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De facto as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos factos linguísticos. Sirva de exemplo o caso seguinte.

Em 1845, José Inácio Roquete, nascido em Cascais em 1801, publicou em Paris um *Código de Bom Tom* (ou *Regras de Civilidade e de Bem Viver no XIX<sup>o</sup> Século*). Nele condena em termos acutilantes a pronúncia lisboeta de palavras como *coelho*, *cereja*, *lenha*: “**É muito frequente entre a gente ordinária de Lisboa mudar o e am a nalgumas palavras: dizem panha, lanha por penha, lenha**”. (citado por Teyssier 1982). Poucas décadas mais tarde, no entanto, em 1883, já Gonçalves Viana, no seu *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d’après le dialecte actuel de Lisbonne*, observava que toda a gente em Lisboa dizia assim e que só “algum caturra velho” conservava a pronúncia antiga (vd. Teyssier 1982). Mas a discussão quanto ao carácter ‘normal’, ou não, das novas formas (manifestando a evolução da vogal tónica *e* para *a*, quando seguida de consoante palatal) não se encerrou com Gonçalves Viana, prolongando-se ainda por mais de um século. Hoje as variantes com *a* na sílaba tónica são as únicas que se encontram registadas na recente edição do Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa: “**cereja** [sɛ̃rɛʒɐ]”, “**coelho** [kwéʎu]”, “**lenha** [lɛ̃nɐ]”, “**penha** [pɛ̃nɐ]”, etc.

A história da consoante africada [tʃ] (idêntica ao segmento inicial da palavra inglesa *cheese*), que no Norte de Portugal continua a produzir-se em palavras como *chamar* [tʃemár], *chuva* [tʃú(j)ɓɐ], *chapéu* [tʃɛpéw], *chumbo* [tʃú̃bu], é também esclarecedora no que diz respeito à forma como através do tempo muda a consciência dos falantes quanto ao estatuto (de prestígio ou desprestígio) de certas variantes linguísticas.

João Franco Barreto nasceu em Lisboa e foi pároco do Redondo (no distrito de Évora) e do Barreiro (no distrito de Setúbal). Em 1671, quando publica a sua *Ortografia da lingua portuguesa* nota que a distinção fonológica entre [tʃ], grafado <ch>, e [ʃ], grafado <x>, antiga na língua, já não é conhecida por todos os portugueses. Os “rústicos” do Sul, por “mao costume” e “por a lingua os nã ajudar”, “pronunciam barbaramente”, sendo que os vocábulos “que se devem pronunciar, e escrever per ch, como chave, chapeo, chafariz, fechadura, etc., escrevem e pronunciam, xave, xapeo, xafariz, fexadura” (vd. Pinto 1981).

Em 1739, um gramático transmontano, João de Moraes Madureira Feijó, observa factos idênticos na sua *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Mas o seu testemunho torna patente uma notável progressão geográfica e sociolinguística da inovação. Madureira Feijó situa o “erro”, “vicio patrio”, “abuso de pronuniação” nos “oriundos de Lisbôa” que equivocam tanto “Ch” e “X” “que a cada palavra trocã huma por outra; porque não só pronunciaõ, mas tambem escrevem, *Xave*, *Xeminé*, *Xina*, *Xóve*, *Xuva*”; mas diz mais, esclarecendo que tal vício “nasce da criação das escolas, aonde assim aprendem a escrever, e pronunciar; e ficaõ taõ habituados, que depois não ha liçaõ que os emende” (vd. Pinto 1981).

Não se encontrando já circunscritas à esfera dos “rústicos”, as variantes [ʃ]amar, [ʃ]juva, [ʃ]apéu, [ʃ]umbo, etc., vão ser defendidas como ‘normais’ por Luís António Verney, em 1746, no *Verdadeiro método de estudar*. Para Verney é essa a pronúncia dos homens cultos da Estremadura que “pronunciam docemente [ch] como um x: e nem só eles, mas muitíssimos de outras Províncias, tem a mesma pronúncia”; na sua opinião: “Em materia de pronúncia, sempre se-devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura” (vd. Pinto 1981).

No século XVIII, Verney é uma voz isolada; e ainda no início do século XIX, a maior parte dos gramáticos continua a prescrever como normativas as formas antigas. O panorama altera-se no decurso do século XIX, começando então a ser classificadas como “vício de pronúnciação” (Francisco Solano Constâncio, 1831) e “pronúncia de certos provincianos” (José Barbosa Leão, 1875) as variantes com [tʃ], que de ‘normais’ passam a ‘dialectais’.

Os dois casos considerados mostram-nos que as variedades dialectais do português são fonte de renovação da variedade padrão (não se esgotando aí, naturalmente, a sua matéria prima) ao mesmo tempo que um reservatório natural de variantes que perderam o estatuto de normativas.

Os traços fonológicos que subjazem à “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, de Luís Filipe Lindley Cintra, diferenciando entre si grupos de dialectos, configuram todos eles um quadro semelhante ao que acima ficou traçado ao considerar-se a história da africada [tʃ]. A realização apico-alveolar das sibilantes com origem em S(S) latino (isto é, o *s* “assobiado” de palavras como [miʃɐ] ‘missa’), a inexistência da consoante fricativa sonora labio-dental [v] (que justifica a indistinção setentrional entre as palavras ‘bela’ e ‘vela’, ambas realizadas [béɫɐ]), a africada [tʃ] (como em [tʃávɨ] ‘chave’), o ditongo [ow], de palavras como [ówrɔ] ‘ouro’ ou [owbír] ‘ouvir’, foram traços fonológicos ‘normais’ na língua portuguesa até terem surgido e adquirido prestígio sociolinguístico as inovações que fizeram deles traços dialectais do Norte. A realização predorsodental das sibilantes com origem em S(S) latino ([míʃɐ] ‘missa’), a oposição fonológica entre as fricativas bilabial e labiodental sonoras ([béɫɐ] ‘bela’ vs. [vɛɫɐ] ‘vela’), a fricativa [ʃ] proveniente de [tʃ] ([ʃávɨ] ‘chave’), as formas com monotongação do ditongo [ow] em [o] ([óru] ‘ouro’, [ovír] ‘ouvir’), por sua vez, passaram de variantes dialectais do sul a variantes normativas que substituíram as formas mais antigas.

Noutros casos, as inovações do sul mantêm, no entanto, o estatuto de formas dialectais, como no caso da monotongação do ditongo [ej] em [e] que faz surgir formas como [sefár] ‘ceifar’, [fétu] ‘feito’ nos dialectos alentejanos e algarvios. Idêntica é a situação das mudanças que em várias regiões do território linguístico português conduziram a alterações diversas do sistema vocálico. Estas mudanças, nalguns casos profundas, do vocalismo, introduziram no português novos sons, não adoptados pela variedade padrão. São disso exemplo as vogais palatais arredondadas da região de Castelo Branco e Portalegre, do Barlavento do Algarve e do Micaelense ([tʏd] ‘tudo’ nas três áreas; [bø] ‘boi’ em São Miguel e na região de Castelo Branco e Portalegre) ou os ditongos tónicos orais, crescentes e decrescentes, que sob diferentes condições se manifestam nos Açores ([siðjád(ɨ)] ‘cidade’, [murwé] ‘morrer’, Terceira), na região de Castelo Branco e Portalegre ([pkjɛr] ‘picar’,

[mūrwé] 'morrer', Castelo de Vide), no Minho e Douro Litorais ([pwértu] 'Porto', [djéwʃ] 'Deus') ou no arquipélago da Madeira ([b̄iz̄iR̄éjɲeʃ] 'bezerrinhas', [véjʎe]/[v̄éjʎe] 'vila', [léwɐ] 'lua').

Fora do âmbito da variação sonora, manifesta-se a outros níveis a mesma tripartição entre persistência dialectal de formas antigas, emergência de inovações que se estabelecem como traços dialectais, e emergência/expansão de inovações que alimentam a variedade padrão.

Os manuais de gramática histórica e de história da língua portuguesa, ao considerarem a evolução das formas pronominais demonstrativas em português, apontam o século XVI como o limite a partir do qual não se encontrariam mais na língua as formas ditas 'reforçadas' dos pronomes demonstrativos, nomeadamente *aqueste*, *aquesta*. Na verdade estas formas, abundantemente representadas num dos primeiros textos escritos em português, o Testamento de D. Afonso II, de 1214, continuam a ser hoje parte da língua portuguesa, podendo ser ouvidas na boca de falantes da Beira Baixa (cfr., nesta página, Registos Sonoros, Monsanto 2). A convergência dialectal das terminações *-am* / *-em* da terceira pessoa do plural das formas verbais (em *-em*, realizado [ẽj], [ẽ(j)] ou [ĩ]) não parece capaz de competir com a opção normativa; já as formas da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do tipo de *fizestes* ou as formas de futuro do indicativo sem mesóclise, *farei-o*, têm fortes probabilidades de vir a empurrar as variantes normativas para a esfera do dialectal.

No domínio da sintaxe, a "interpolação" de certos constituintes entre um clítico pré-verbal e o verbo representa a persistência de uma estrutura antiga que o português moderno (a partir do século XVI) afastou da norma.

E então, eu chegava e, na vez de ir-lhe perguntar por eles, já assim com um bocado de tal para que me **ela não** corresse, perguntava-lhe pela minha sogra falecida. (Castro Laboreiro, Minho)

Por exemplos, este é um vedonho, aquele é outro, assim como lhe **a gente** disse – não é? (Sapeira, Alto Alentejo)

Nunca se **aquí** conheceu nada. (Castelo de Vide, Alto Alentejo)

O gerúndio flexionado, que a par do infinitivo flexionado faz do português uma língua capaz de associar morfemas de pessoa/número a formas não-finitas do verbo, é um elemento dialectal bem estabelecido e plenamente produtivo que a língua padrão ignora.

Se for um macho é um borrego; e se for uma fêmea é uma borrega. Só têm esse nome enquanto são novas. **Passandem** já a parir, já não é borrega, já é ovelha (Alcochete, Estremadura)

Não sei se o meu marido sabe de enxertos. Não sei. Só **falandem** com ele é que sabem. (Lavre, Alto Alentejo)

**Estandem** juntos os dois, lá pensaram eles a fazer o seguinte (Castelo de Vide, Alto Alentejo)

Enquanto os outros ouvem as coisas, ou vêem, e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – **judgandem-se** eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Porches, Algarve)

O pão quando **estando** lêvedo, a massa é mais leve. (Alte, Algarve)

Deixa que o teu pai logo te diz! **Molhandes** aí a cabeça toda, moço dum raio! (Colos, Alto Alentejo; cf. Guerreiro 1968)

As construções com *ele* expletivo, por seu turno, ainda que apenas toleradas pela gramática normativa,

“Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il (il y a)*”. (Cunha & Cintra 1984)

introduziram-se na língua literária – muito para além do romance regionalista – podendo dizer-se que são timidamente parte da norma.

Afinal o que importa não é ser novo e galante / – **ele** há tanta maneira de compor uma estante! (Mário Cesariny, *Nobilíssima Visão*, citado por Carrilho 2000)

Ai! **ele** as mulheres são ruim gado. Pois não são?! (Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, citado por Vasconcellos 1928)

O expletivo *ele* apresenta, contudo, no terreno dialectal uma riqueza de comportamento na construção da frase que não se observa na língua padrão.

**Ele** estava a nevar, nevava muito, eles não puderam ir. (Perafita, Trás-os-Montes)

– Mas agora ainda está bom para as batatas, ou não? / – Mas é que não as há. / – E como **ele** vai haver?! **Ele** não tem chovido nada! (Castro Laboreiro, Minho)

Mas, **ele** havia muita fome naquele tempo. (Vila Praia de Âncora, Minho)

Haver, **ele** a fome não havia! (Vila Praia de Âncora, Minho)

Era conservado também com banha, para tapar, para não se perder, porque **ele** era tudo tapado com banha. Mesmo o chouriço, hoje em dia, é tapado num boião com banha para não se perder (Ponta Garça, S. Miguel)

**Ele** em Março começa a gente a tratar da terra: a meter batata, ou amanhã-las, ou cavá-las ou amanhã-las com umas máquinas, ou de toda maneira (Monsanto, Beira Baixa)

– Não costuma pôr lá um ovo para elas se habituarem a ir áquele sítio? / – Não. **Ele** nunca lá se põe ovos nenhuns. Põe-se é o caixote, que elas quando vêem o caixote vão logo lá (Alcochete, Estremadura)

Hoje, em todo o Verão, mesmo na força do Verão, há terrenos próprios, com sementeiras, com coisas, para **ele** os animais irem comer. (Lavre, Alto Alentejo)

Parece impossível, mas **ele** aquilo lá foi feito e até ninguém deu por isso. (Castelo de Vide, Alto Alentejo)

Ah, bem aos olhos faz **ele** tudo, quando não haver pouca sorte. (Alte, Algarve)

O visitante desta página encontra nela um conjunto de registos sonoros (acompanhados de transcrição ortográfica) que lhe permitirão descobrir por si muitos outros

factos de variação dialectal no português, observando simultaneamente os acima mencionados. Os registos provêm do arquivo sonoro do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://www.clul.ul.pt>) onde se desenvolvem vários projectos que permitiram constituir a amostra aqui disponibilizada.

Bibliografia (citada ou recomendada):

- BARROS FERREIRA, Manuela, Ernestina Carrilho, Maria Lobo, João Saramago & Luísa Segura da Cruz 1996. “Variação linguística: perspectiva dialectológica”. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, organizado por Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte & Carlos A. M. Gouveia. Lisboa: Caminho.
- BOLÉO, Manuel Paiva & Maria Helena Santos Silva 1962. “Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental”. *Boletim de Filologia*, XX (1961).
- CARRILHO, Ernestina 2000. “Expletivos do português europeu em foco: a evidência dos dados dialectais”. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- CARRILHO, Ernestina, no prelo. “Ainda a ‘unidade e diversidade da língua portuguesa’: a sintaxe”. *Memória dos Afectos: Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, organizado por Ivo Castro & Inês Duarte. Lisboa.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley 1971. “Nova Proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”. *Estudos de Dialectologia*. Lisboa: Sá da Costa.1983.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley 1962. “Áreas lexicais no território português”. *Estudos de Dialectologia*. Lisboa: Sá da Costa.1983.
- CUNHA, Celso & Luís Filipe Lindley Cintra 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- FLORÊNCIO, Manuela 2001. *Dialecto Alentejano: Contributos para o seu estudo*. Lisboa: Colibri & Centro de Estudos do Alentejo.
- GUERREIRO, A. M. 1968. *Colos (Alentejo) – Elementos Monográficos*. Dissertação de licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- LOBO, Maria 2002. “On gerund clauses of Portuguese dialects”. *El Verbo entre el Léxico y la Gramática: Grammaton I*, editado por Alexandre Veiga, Víctor M. Longa & JoDee Anderson. Lugo: TrisTram.
- LOBO, Maria, no prelo. “Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal”. [Actas do Encontro Internacional “500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil”]. Évora.
- MARTINS, Ana Maria, no prelo. “Construções com *-se*: variação e mudança no português europeu”. *Memória dos Afectos: Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, organizado por Ivo Castro & Inês Duarte. Lisboa.
- MOREIRA, Júlio 1907. *Estudos da Língua Portuguesa*. Vol. I: *Subsidios para a Syntaxe Historica e Popular*. Lisboa: Clássica Editora. 1922.
- MOREIRA, Júlio 1913. *Estudos da Língua Portuguesa*. Vol. II. [Edição póstuma organizada por José Leite de Vasconcellos]. Lisboa: Clássica Editora.
- PINTO, Adelina Angélica 1981. “A africada *ç* em português: Estudo sincrónico e diacrónico”. *Boletim de Filologia*, XXVI (1980/81).
- RIBEIRO, Maria Raquel Pinheiro de Carvalho 2002. *As Ocorrências da Forma de Gerúndio na Variedade Padrão e numa Variedade Dialectal do Português Europeu*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- SEGURA, Luísa & João Saramago 1999. “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”. *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, organizado por

- Isabel Hub Faria. Lisboa: Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SEGURA, Luísa & João Saramago 2001. “Variedades Dialectais Portuguesas”. *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas [Catálogo]*, organizado por Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- TEYSSIER, Paul 1982. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELLOS, José Leite de 1901. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 1987.
- VASCONCELLOS, José Leite de 1928. *Opúsculos*. Vol. II: *Dialectologia (Parte I)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELLOS, José Leite de 1985. *Opúsculos*. Vol. VI: *Dialectologia (Parte II)*. [Edição póstuma organizada por Maria Adelaide Valle Cintra]. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar & Maria Albertina Mendes da Luz 1971. “Estado actual del portugués en la Península Ibérica”. *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos.